

Considerações preliminares sobre o ensino da natação para autistas

*Joaquim Francisco Lira Neto**

Resumo

O presente trabalho tem a intenção de delinear diretrizes preliminares a partir das quais pode ser elaborado um plano de ensino de natação voltado especificamente para autistas. Embora já existam publicações que tomam como objeto de estudo a prática da modalidade esportiva em questão por autistas, ainda são poucos os estudos que buscam superar os parâmetros do que pode ser considerado como o ensino tradicional da natação, visando atender às características próprias deste público. Tal superação pode ocorrer através das contribuições de métodos já consagrados, como o Método Halliwick, conhecido pelo ensino da natação para pessoas com deficiência, e o Método ABA, amplamente utilizado nos casos de Transtornos do Espectro Autista (TEA). Após a análise aqui empreendida, é possível considerar que os métodos abordados fornecem subsídios para um ensino de natação que, além de aceitar autistas, esteja voltado para a compreensão e para o atendimento de suas necessidades, como é esperado de uma prática inclusiva.

Palavras-chave: Autismo; Educação Especial; Natação.

* Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Barão Geraldo, Campinas, São Paulo.

Preliminary considerations about the teaching of swimming for autistics

Abstract

This work intends to outline preliminary guidelines from which can be drawn a swimming lesson plan geared specifically for autistics. Although there are publications that have as object of study the practice of the sport in question for autistics, there are a few studies that seek to overcome the parameters of what can be considered as the traditional teaching of swimming, to meet the specific characteristics of this public. This overrun may occur through the contributions of methods already established as the Halliwick Method, known by the teaching of swimming for disabled, and the ABA Method, widely used in cases of Autism Spectrum Disorder (ASD). After the analysis undertaken here, it is arguable that the methods discussed provide subsidies for a teaching of swimming that, in addition to accepting autistics, is focused on understanding and meeting their needs, as expected from an inclusive practice.

Keywords: Autism; Special Education; Swimming.

Introdução

Atualmente, já é possível considerar que há uma grande quantidade de livros e artigos publicados em revistas especializadas que abordam os Transtornos do Espectro Autista (TEA), e que sugerem atividades físicas, entre elas a natação, como forma de intervenção pedagógica e terapêutica.

Entretanto, ainda são escassos os trabalhos que propõem alterações significativas tanto na didática como na própria estruturação da aula, em virtude das características próprias dos autistas, em relação ao que pode ser considerado como o ensino tradicional da natação.

O objetivo do presente texto é propor possíveis diretrizes para um ensino de natação que atenda às necessidades específicas de alunos autistas, partindo das contribuições de métodos já consagrados, como o Método Halliwick e o Método ABA.

Sobre o autismo

O autismo é um transtorno comportamental, considerado como uma alteração grave no desenvolvimento infantil, cujas características podem ser agrupadas em três categorias, quais sejam: dificuldades na interação social, assim como na relação com objetos e eventos; problemas de comunicação verbal e não-verbal; e pela realização de movimentos repetitivos (AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION, 2016).

Sua primeira descrição foi apresentada pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner (1894-1981), que passou a se dedicar à psiquiatria pediátrica nos EUA, onde publicou, em 1943, obra intitulada *Autistic disturbances of affective contact*.

Desde então, muitos estudos têm sido feitos acerca do autismo. Atualmente, no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), os Transtornos Globais do Desenvolvimento, que incluíam o Autismo, Transtorno Desintegrativo da Infância e a Síndrome de Asperger (a referida síndrome para registro, entra como associado ao espectro do autismo - DSM-5, pg.51, tendo portanto um diagnóstico diferencial - DSM-5, pg.57) passaram a integrar um único diagnóstico: Transtornos do Espectro Autista (ARAÚJO; NETO, 2014).

Embora o foco do presente trabalho esteja especificamente no autismo, deve-se considerar que o mesmo possui muitas características em comum com os demais transtornos e síndromes citados. Além disso, com a dificuldade em se realizar um diagnóstico com precisão e em curto intervalo de tempo, torna-se desnecessário projetar uma forma de ensino da natação específico para cada um deles.

Não se trata de negar as diferenças existentes entre cada um dos Transtornos do Espectro Autista, mas de seguir o entendimento da Associação Americana de Psiquiatria, segundo o qual não há vantagens diagnósticas ou terapêuticas em separá-los, observando que “a dificuldade em subclassificar o transtorno poderia confundir o clínico dificultando um diagnóstico apropriado” (ARAÚJO; NETO, 2014).

Da mesma forma, embora tendo o autismo como foco, não há vantagens pedagógicas em se considerar cada transtorno separadamente. Mesmo em determinados casos de Síndrome de Rett, em que, segundo Mercadante, Van Der Gaag e Schwartzman (2006), há grande prejuízo neuromotor, não é necessário pensar em um ensino da natação substancialmente diferente do aqui proposto, desde que sejam feitas as adaptações adequadas.

É possível identificar algumas características que comumente são apresentadas por autistas, cuja consideração é fundamental para um adequado plano de ensino de natação. Algumas destas características são descritas por Silva e Mulick (2009, p. 120):

Crianças com autismo frequentemente apresentam problemas de comportamento, muitas vezes bastante severos, que incluem hiperatividade, dificuldade de prestar e/ou manter atenção, atenção hiperseletiva (i.e., tendência a prestar mais atenção nas partes/detalhes do que no todo) e impulsividade, bem como comportamentos agressivos, autodestrutivos, perturbadores e destrutivos.

Ainda segundo os autores, é comum encontrar em crianças autistas uma baixa tolerância à frustração, acompanhada por acessos de raiva e escândalos. Além disso, são comuns os casos de hiper ou hiposensibilidade a estímulos sonoros, visuais, táteis, olfativos e gustativos (SILVA; MULICK, 2009).

Outras características comumente apresentadas por autistas envolvem restrições quanto ao contato físico, dificuldade em manter contato visual, possuir um leque bastante limitado de interesses e excessiva aderência a rotinas.

Antes da descrição dos Métodos, é importante abordar as possíveis contribuições de atividades físicas, em especial da natação, para o público aqui abordado, tendo em vista as características supracitadas.

Lourenço et al. (2015) reuniram diversos estudos que tratam dos benefícios de atividades físicas para pessoas com Transtornos do Espectro Autista. Nos estudos analisados pelos autores, foram realizadas atividades tais como jogos, natação, corrida, passeios terapêuticos e hidroginástica. Os resultados obtidos compreenderam desde melhorias em capacidades físicas como força e resistência, até redução de comportamentos agressivos, mal adaptativos e estereotipados, e aumento de atenção, integração social e independência.

Especificamente sobre a natação, Garcia et al. (2012) descreve uma série de resultados esperados a partir da participação nas atividades do Método Halliwick. Entre estes podemos destacar: o desenvolvimento da autoestima, proporcionado pela ampliação das capacidades de movimento no meio aquático; a descarga psicofísica, que se refere à redução de tensões, ao relaxamento muscular e à diminuição do nível de estresse; e a independência e autonomia, obtidas no aprendizado da natação, em que o nadador “se torna mais confiante, seguro e motivado a encarar suas dificuldades, ultrapassar barreiras e ideias preconcebidas sobre desempenho e capacidades” (GARCIA et al., 2012, p. 146).

No ensino da natação para pessoas com TEA, aspectos pedagógicos e terapêuticos são indissociáveis. Entretanto, a ênfase do presente trabalho está nos aspectos pedagógicos, especificamente em termos de didática e estruturação da aula, o que não impede que sejam vislumbradas, a partir do aqui exposto, estratégias que envolvam, por exemplo, aumento do contato visual com o aluno ou do estímulo ao contato físico.

Após esta breve apresentação dos Transtornos do Espectro Autista, e dos possíveis benefícios que a natação tem a oferecer, serão abordados métodos que fornecem subsídios para o ensino da natação especificamente para este público.

O Método Halliwick

O Método Halliwick, ou Conceito Halliwick, foi criado por James McMillan, em Londres, no ano de 1949, na Halliwick School (ASSOCIATION OF SWIMMING THERAPY, 2005), sendo voltado, sobretudo, para a inclusão e reabilitação de pessoas com deficiência física através da natação. É importante lembrar que os esportes para este público, em geral, começaram a ser desenvolvidos de forma sistemática na década de 1940, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, com ênfase na reabilitação de veteranos da II Guerra Mundial (TSUTSUMI et al., 2004).

Entretanto, além de não ter sido criado exclusivamente para o ensino de pessoas com deficiência, o Método também está além de ser apenas mais uma forma de terapia, pois representa um conceito diferenciado de adaptação e domínio do meio aquático, para pessoas com e sem deficiência.

Fundamentado em princípios da hidrostática, hidrodinâmica e na mecânica dos corpos, o método tem como principais objetivos o controle da respiração, do equilíbrio e a liberdade de movimentos no meio aquático.

Não cabe aqui uma descrição minuciosa de cada um dos 10 pontos que compõem o Programa do Método, mas é importante que se tenha uma ideia geral sobre eles para que se possam entender suas possíveis contribuições ao ensino da natação para autistas.

Primeiramente, a “Adaptação Mental” (GARCIA et al., 2012, p. 144) diz respeito ao aprendizado de respostas apropriadas ao meio aquático. É um processo contínuo, presente em todos os demais pontos. Um exemplo seria o de controle da respiração, que pode começar com a habilidade de apenas assoprar a superfície da água, para que posteriormente ocorram combinações de habilidades, como “sentar no fundo da piscina e soltar o ar pela boca e/ou nariz” (GARCIA et al., 2012, p. 144).

Outro ponto muito importante para o presente trabalho é o “Desligamento” (GARCIA et al., 2012, p. 144), que consiste num processo em que o aluno torna-se gradativamente independente, tanto física como mentalmente. O objetivo deste ponto é o de que o aluno necessite cada vez menos de apoio, tornando-se independente do professor ou mediador.

Há pontos que dizem respeito especificamente à realização de rotações em diferentes planos e eixos do corpo, sendo as rotações transversal, sagital, longitudinal e combinada. Por exemplo, “na posição vertical, inclinar-se à frente e soprar bolhas na água, ou ser capaz de manter a posição em pé sem desequilibrar para frente ou para trás; até mesmo da posição de flutuação de costas mover-se à posição em pé” (GARCIA et al., 2012, p. 144).

O Empuxo é uma propriedade do meio aquático que constitui um ponto fundamental do Método Halliwick para o ensino da natação, independentemente do público para o qual esteja voltado, embora ainda seja negligenciado pela concepção tradicional. Dentro do Método ele é concebido e trabalhado da seguinte maneira:

É uma propriedade física da água que possibilita à maioria dos “nadadores” a flutuação. Chamada por McMillan de inversão mental, porque o “nadador” deve inverter seu pensamento e perceber que flutua com a ação do empuxo e não afunda com a ação da gravidade. Atividades de submersão são ensinadas oferecendo a possibilidade de experimentar a ação do empuxo e a noção de como é difícil permanecer embaixo d’água. Exemplos de empuxo são: o “nadador” retira seus pés do fundo da piscina e percebe que a água pode sustentá-lo, ou ao recolher objetos do fundo da piscina nota que o empuxo o “empurra” de volta à superfície (GARCIA et al., 2012, p. 144).

Os demais pontos são: Equilíbrio em Imobilidade, que consiste na habilidade de manter-se imóvel na água, como na flutuação; deslize em turbulência, em que, partindo da posição de flutuação de costas, o aluno é movimentado sem que haja contato direto com o professor, que realiza apenas uma turbulência na água, embaixo do ombro do aluno; e, finalmente, Progressões Simples e Movimentos Básicos de Natação, que são movimentos de propulsão realizados com braços, pernas ou mesmo com o tronco.

Após esta breve descrição do Programa dos 10 pontos, é importante enfatizar que uma das maiores contribuições do Método ou Conceito Halliwick ao ensino da natação para autistas consiste em sua estratégia didática. Embora contemple jogos e atividades em grupo, o Método baseia-se na relação de um-para-um que, como será abordado mais adiante, é compatível com o Método ABA, amplamente utilizado no trabalho com autistas.

Além disso, o Método promove um rompimento com o que pode ser considerado como o ensino tradicional da natação, aqui entendido como aquele em que o foco está na transmissão das técnicas próprias aos quatro estilos de nado (crawl, costas, peito e borboleta), através da repetição sequenciada de exercícios padronizados para todo e qualquer aluno, não importando suas características individuais.

São comuns as aulas de natação em que os alunos repetem os mesmos exercícios exaustivamente, muitas vezes utilizando-se de meios artificiais de flutuação (prancha, “macarrão”) desde o início do processo de aprendizagem.

É possível realizar uma crítica a esta concepção mesmo sem se ter em vista um ensino de natação voltado para a inclusão. Fernandes e Lobo da Costa (2006, p. 05) defendem que “é fundamental que o foco do ensino passe a ser o processo do aprender a nadar e não o seu produto, qual seja, o domínio mecânico dos estilos consagrados de nado”.

Ainda segundo os autores “é notória a ausência de modelos teóricos que dêem sustentação a uma pedagogia da natação” (FERNANDES; LOBO DA COSTA, 2006, p. 06). E, sobre a utilização de flutuadores, os autores afirmam que:

[...] a insistência na utilização de bóias, pranchas, cavaletes e tudo mais que facilite e auxilie na flutuação nos estágios iniciais da aprendizagem não se baseia em nenhum estudo sobre o papel destes na aquisição do nadar ou mesmo sobre o controle postural humano no meio líquido, ao contrário, parece basear-se na noção de que o corpo humano é incapaz de controlar seus movimentos no meio líquido, a menos que ele já domine um dos quatro estilos, uma pedagogia que ignora princípios da hidrostática e da hidrodinâmica. Pode-se considerar que o uso frequente desses aparatos inclusive prejudicaria o controle postural e o equilíbrio dinâmico no meio líquido por mascarar as percepções do aluno (FERNANDES; LOBO DA COSTA, 2006, p. 06).

O Método Halliwick não utiliza flutuadores por vários motivos, entre eles: por dificultarem o aprendizado do controle da respiração, por suscitarem rotações indesejadas, por não serem compatíveis com as atividades de submersão para o entendimento de como lidar com o empuxo, por fornecerem falso senso de segurança, e por gerarem dependência.

É importante enfatizar que a concepção defendida aqui é a de que “nadar significa deslocar-se equilibradamente no meio aquático. Dizer que uma pessoa não sabe nadar quando ela consegue flutuar e locomover-se sem os pés no chão, está errado” (GOMES, 1995, p. 13).

O foco está no aprendizado inicial da natação, sem a preocupação com o domínio de qualquer um dos estilos consagrados de nado. Isto não significa que pessoas com Transtornos do Espectro Autista não possam ou devam se apropriar destas formas específicas de nado, mas que este é um passo posterior, que transcende os limites do presente trabalho.

○ Método ABA

O chamado “Método ABA” (do inglês, *Applied Behavior Analysis*, em português, Análise do Comportamento Aplicada) constitui uma das possíveis perspectivas pedagógicas e terapêuticas de intervenção nos casos de Transtornos do Espectro Autista. Segundo Camargo e Rispoli (2013), o Método ABA surgiu nos Estados Unidos e vem alcançando um crescimento notável desde a década de 1960.

Primeiramente, é necessário dizer que o Método ABA fundamenta-se na Psicologia Comportamental ou Behaviorismo, que entende ser o comportamento o objeto da Psicologia. Na concepção behaviorista, devem ser analisadas as relações entre comportamento e meio ambiente, levando-se em consideração apenas os dados objetivos, observáveis e mensuráveis.

John B. Watson (1878-1958) pode ser considerado o responsável por inaugurar esta escola de pensamento, através do texto *A psicologia como o behaviorista a vê*, de 1913. Watson defendia que a Psicologia havia falhado em cumprir sua reivindicação como uma ciência natural por estar presa ao estudo da consciência, de dados subjetivos, assim como ao método introspectivo. Em suas palavras, “a psicologia como o behaviorista a vê é um ramo experimental puramente objetivo das ciências naturais. Seu objetivo teórico é a previsão e o controle do comportamento” (WATSON, 2008, p. 289).

Seguindo a sistematização de Tourinho (1999), pode-se considerar a Análise do Comportamento como a área mais ampla da perspectiva behaviorista, contendo três subáreas que atuam de forma interligada, quais sejam: o Behaviorismo Radical, a Análise Experimental do Comportamento e a Análise Aplicada do Comportamento.

O Behaviorismo Radical, expressão utilizada por B. F. Skinner (1904-1990), constitui a subárea filosófica da Análise do Comportamento, dedicada a realizar estudos de natureza conceitual, por exemplo, as reflexões acerca do objeto, dos objetivos e dos métodos da ciência do comportamento.

Já a Análise Experimental do Comportamento constitui a subárea que engloba as pesquisas empíricas, voltadas para a produção do conhecimento a partir da exploração de ambientes controlados, simplificados, para que se possa testar, por exemplo, como determinadas variáveis podem afetar o comportamento humano.

Finalmente, a Análise Aplicada do Comportamento é o campo de intervenção dos analistas do comportamento. Esta subárea refere-se às práticas profissionais que ocorrem em ambientes como clínicas e escolas, onde o comportamento deve ser avaliado, explicado e mudado.

Segundo Tourinho (2011), Skinner foi um legítimo sucessor de Watson, ao mesmo tempo em que ampliou os horizontes da investigação científica do comportamento. A contribuição do autor, especialmente o seu conceito de Condicionamento Operante, é fundamental para o Método ABA, de forma que Camargo e Rispoli (2013, p. 641) afirmam que “como uma abordagem científica, ABA é definida como um método para avaliar, explicar e modificar comportamentos baseado nos princípios do condicionamento operante introduzidos por B. F. Skinner”. Tais princípios serão descritos a seguir.

Na concepção de Skinner (2003) a Psicologia é uma ciência que, para além de descrever, busca prever e, inclusive, modificar certos acontecimentos relativos ao comportamento.

Para o autor, as respostas dadas a certo estímulo geram consequências que podem retroagir sobre o organismo, alterando a probabilidade de que respostas similares ocorram novamente. Partindo das experiências realizadas pelo fisiologista Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936), Skinner considera como “reforços” os eventos que fortalecem um comportamento, e “condicionamento” o conjunto de mudanças no organismo resultante do processo de fortalecimento.

Sobre o conceito de “operante”, Skinner (2003, p. 71) escreve que:

Uma resposta que já ocorreu não pode, é claro, ser prevista ou controlada. Apenas podemos prever a ocorrência futura de respostas semelhantes. Desta forma, a unidade de uma ciência preditiva não é uma resposta, mas sim uma classe de respostas. Para descrever-se esta classe usar-se-á a palavra “operante”. O termo dá ênfase ao fato de que o comportamento opera sobre o ambiente para gerar consequências. As consequências definem as propriedades que servem de base para a definição da semelhança de respostas.

Desta forma, por exemplo, quando o aluno apresenta a resposta de bater as pernas na superfície da água a partir do estímulo dado pelo professor - estímulo este que pode ser, simplesmente, a orientação verbal tente bater as pernas -, o professor pode reforçar tal resposta, aumentando a probabilidade da ocorrência de futuras pernasadas através de um elogio ou deixando-o brincar com um brinquedo de que goste. A mudança da frequência com que o aluno bate as pernas na superfície da água constitui o processo de Condicionamento Operante.

É importante enfatizar que não necessariamente um evento que é reforçador para um aluno o será para outro. Skinner (2003) afirma que a única forma de se constatar se um evento é reforçador para um dado organismo sob dadas condições é fazendo um teste direto.

Os reforçadores podem ser de dois tipos: positivos ou negativos. Os reforços positivos consistem no acréscimo de algo, que pode ser um elogio, brinquedo, alimento, algo que o aluno receba como uma forma de recompensa. Os reforços negativos consistem na remoção de alguma coisa como um barulho, luz muito intensa, calor ou frio extremos, algo que o aluno sinta como desagradável.

É possível pensar em um exemplo no ensino da natação que ilustra bem a atuação do reforço negativo. Após realizar ações na fase de adaptação ao meio líquido como sentar na borda da piscina, jogar água no rosto, entrar na água e mergulhar a cabeça, um passo importante é mergulhar ao fundo da piscina e retornar à superfície, primeiramente em contato com o professor ou algum familiar que forneça ajuda inicial na subida, para depois fazê-lo sem ajuda.

Neste passo, o aluno realizará movimentos na tentativa de retornar à superfície, e, considerando que o fato de estar submerso será sentido por ele como um estímulo aversivo, ele tenderá a repetir os movimentos que o ajudem em sua tentativa, ao mesmo tempo em que evitará aqueles que atuem no sentido contrário. Desta forma, evitar a imersão atua como um reforço negativo, através do qual o aluno descobrirá, repetirá e refinará os movimentos que o permitem manter-se na superfície do meio aquático.

Com relação à ajuda, o Método ABA utiliza, sobretudo, intervenções de um-para-um, sem excluir possíveis momentos em grupo para que sejam desenvolvidas habilidades relativas à interação social.

Um último conceito fundamental para o presente trabalho é o de “extinção”. Como escreve Skinner (2003, p. 76), quando o reforço deixar de ser dado, a resposta tornar-se-á cada vez menos frequente, o que se denomina “extinção operante”. Nas palavras do autor: “em geral, quando nos empenhamos em comportamentos que ‘não compensam’ encontramos-nos menos inclinados a comportamentos semelhantes no futuro” (SKINNER, 2003, p. 76).

Evidentemente, é muito importante o papel da retroação. Para que ocorra condicionamento ou extinção é absolutamente necessário que o organismo sinta as consequências de seu comportamento.

Um exemplo na natação trata-se de quando o professor ensina diferentes formas de propulsão. São comuns as situações em que o professor fornece apoio ou utiliza flutuadores para que os alunos aprendam a se deslocar na superfície da água. Entretanto, o flutuador impede que o aluno tenha a retroação por parte do próprio meio, percebendo quais movimentos favorecem e quais atrapalham a flutuação. Da mesma maneira, ao fornecer apoio, se o professor continuar a auxiliar a propulsão enquanto o aluno realiza movimentos errados, estes dificilmente serão extintos.

Se o aluno realiza movimentos que atrapalham o nado, é importante que esteja livre de apoios para que, através da retroação, ele saiba que tais movimentos não surtem o efeito desejado, tendo a possibilidade de extingui-los. Nesta perspectiva, o uso de flutuadores é extremamente prejudicial, pois, independente dos movimentos realizados, o flutuador exercerá sempre uma força intensa no sentido de manter o aluno na superfície, restringindo sobremaneira a retroação por parte do meio aquático.

Aspectos didáticos e a estruturação da aula

Após a apresentação dos métodos Halliwick e ABA torna-se possível o estabelecimento de diretrizes preliminares a partir das quais pode ser elaborado um plano de ensino de natação voltado especificamente para alunos com Transtornos do Espectro Autista - como dito anteriormente, não há necessidade de se pensar num ensino próprio para cada transtorno.

No que se refere à estruturação da aula, a primeira preocupação do professor deve ser quanto ao ambiente em que a mesma ocorrerá. Devido à possibilidade de o autista apresentar hipersensibilidade sensorial e, ao mesmo tempo, ter dificuldade de manter a atenção, não convém que o ambiente apresente, inicialmente, muitos estímulos visuais e sonoros.

É comum em aulas de natação a utilização de flutuadores (“macarrões”) coloridos, além de brinquedos próprios para piscina que podem, ao invés de ajudar, atrapalhar na concentração do aluno autista. Também é importante evitar a utilização de música no ambiente, ao menos até que haja uma adaptação melhor por parte do aluno. É importante enfatizar que primeiro deve-se conhecer o aluno, para que seja avaliada a necessidade de se tomarem tais precauções. Além disso, estas são medidas a serem adotadas apenas inicialmente. O objetivo é o de que, com o tempo, o aluno consiga manter a concentração, sem se sentir incomodado em ambientes considerados comuns, cotidianos.

Como dito anteriormente, tanto o Método Halliwick como o Método ABA utilizam, sobretudo, situações de um-para-um como estratégia didática. Para tanto, é fundamental que um professor esteja presente coordenando as atividades, mas cada aluno pode entrar na água e ter o apoio de um mediador, que será um parente, ou alguém prévia e devidamente orientado pelo professor, com quem o aluno se sinta à vontade.

Além de situações de um-para-um, o Método Halliwick prevê também atividades lúdicas em grupo, o que deve ser sempre estimulado no trabalho com autistas, mesmo que, principalmente inicialmente, com sérias dificuldades. Como escreve Bosa (2006, p. 50) a interação com crianças da mesma idade é uma tarefa árdua para crianças autistas, e “oferecer oportunidades (e. g. piscina, playground) para as crianças observarem ou interagirem espontaneamente (mesmo que com limitações) com outras crianças parece ser ainda a melhor estratégia”.

Outra questão didática fundamental no ensino da natação para autistas diz respeito à forma como o professor, monitor, ou parente se comunicará com o aluno para fornecer as orientações sobre o que fazer. Na concepção tradicional, o professor de natação utiliza verbalizações longas e detalhadas, assim como faz demonstrações dos movimentos que devem ser repetidos pelos alunos.

Como são comuns os casos de autistas que têm dificuldade de concentração, assim como de manter o contato visual, é necessário o emprego de uma didática diferenciada. O mediador deve evitar instruções verbais longas, buscar utilizar gestos simples e, se possível, até usar imagens que auxiliem no entendimento do que está sendo proposto.

Além disso, em uma aula tradicional o professor transmite uma informação e espera que todos os alunos executem o que foi pedido, da mesma forma e ao mesmo tempo. No ensino aqui proposto, há uma orientação geral - por exemplo, fazer bolhas com a boca na superfície da água, ou assoprar uma pequena bola flutuante, para o aprendizado da respiração - que deve ser mediada nas situações de um-para-um. É possível que alguns alunos forneçam uma resposta completa de imediato, e que outros precisem de mais tempo e mais reforços.

Outro exemplo pode ser o de deixar submerso um objeto que o aluno goste muito, como um carrinho, ou qualquer brinquedo ao qual ele seja muito apegado, numa parte rasa da piscina, de forma que o aluno tenha que mergulhar a cabeça para alcançar o objeto. Ter o objeto de volta e poder brincar um tempo com ele pode ser o reforçador.

Uma possível estratégia que combina as contribuições dos Métodos Halliwick e ABA consiste em o mediador fornecer apoio para o aluno atravessar de uma margem à outra da piscina, sendo que haverá um objeto ao qual ele é apegado na margem oposta. O aluno tenderá a realizar movimentos em direção ao objeto, e o mediador deve, gradativamente, reduzir a ajuda para que o aluno descubra como reagir às propriedades do meio aquático. Novamente, o aluno será reforçado por alcançar e poder brincar um pouco com o objeto.

Não se trata de enrijecer os métodos, pelo contrário, de ilustrar possibilidades do ensino de natação, a partir dos princípios básicos dos métodos aqui abordados.

Em síntese, a partir das contribuições dos Métodos analisados, o ensino da natação para autistas deve ser individualizado, partindo de uma avaliação das especificidades e possibilidades do aluno. É fundamental a ausência de flutuadores, para o aluno dominar através de suas ações as propriedades do meio aquático; e, finalmente, na perspectiva do Método ABA, o aluno deve ser constantemente reforçado, para que apresente, com cada vez maior frequência, os movimentos que o levarão a aprender, no futuro, os refinados padrões dos consagrados estilos de nado.

Considerações finais

A pessoa autista, ou com qualquer um dos Transtornos do Espectro Autista, precisa de um ensino específico em termos de didática e estruturação da aula, e os métodos estudados são compatíveis com o alcance deste objetivo.

O ensino da natação, principalmente para autistas, não deve ter como preocupação inicial a realização de movimentos dos quatro estilos (crawl, costas, peito e borboleta), mas começar dedicando um longo período à adaptação do aluno ao meio aquático. Além disso, as exaustivas repetições de braçadas e pernadas, tradicionalmente apoiadas por um flutuador, devem ser substituídas por momentos de exploração do meio por parte do aluno, possivelmente, como aqui proposto, com o auxílio de um mediador.

O Método Halliwick é fundamental não somente para autistas, mas para que muitos aspectos do ensino da natação em geral sejam revistos. Quanto ao Método

ABA, é importante afirmar que se trata de uma perspectiva já consagrada no atendimento a casos de Transtornos do Espectro Autista, porém não é a única.

O presente trabalho apenas buscou delinear possíveis diretrizes para um ensino de natação que, além de simplesmente aceitar a presença de autistas, seja especificamente voltado para atender às suas necessidades - o que se espera de uma prática verdadeiramente inclusiva.

Referências

- AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. **What Is Autism Spectrum Disorder?** 2016. Disponível em: <<https://psychiatry.org/patients-families/autism/what-is-autism-spectrum-disorder>>. Acesso em: 01 jul. 2016.
- ARAÚJO, A. C.; NETO, F. L. A nova classificação americana para os transtornos mentais - o DSM-5. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. XVI, n.1, p. 67-82, 2014.
- ASSOCIATION OF SWIMMING THERAPY. **Natação para deficientes**. 2 ed. São Paulo - SP: Editora Manole, 2005.
- BOSA, C. A. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28 (Supl. I): S47-53, 2006.
- CAMARGO, S. P. H.; RISPOLI, M. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 26, n. 47, p. 639-650, set./dez. 2013.
- FERNANDES, J. R. P.; LOBO DA COSTA, P. H. Pedagogia da natação: um mergulho para além dos quatro estilos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n.1, p. 5-14, jan./mar., 2006.
- GARCIA et al. Conceito Halliwick: inclusão e participação através das atividades aquáticas funcionais. **Acta Fisiátrica**, v. 19, n. 3, p. 142-150, 2012.
- GOMES, W. D. F. **Natação: uma alternativa metodológica**. Rio de Janeiro - RJ: Editora Sprint, 1995.
- LOURENÇO, C. C. V. et al. Avaliação dos efeitos de programas de intervenção de atividade física em indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 21, n. 2, p. 319-328, abr./jun., 2015.
- MERCADANTE, M. T.; VAN DER GAAG, R. J.; SCHWARTZMAN, J. S. Transtornos invasivos do desenvolvimento não-autísticos: Síndrome de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância e Transtornos Invasivos do Desenvolvimento sem outra especificação. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28, (supl. I): S12-20, 2006.
- SILVA, M.; MULICK, J. A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 29, n.1, p. 116-131, 2009.
- SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. 11 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- TOURINHO, E. Z. Estudos conceituais na análise do comportamento. **Temas em Psicologia**, v. 7, n. 3, p. 213-222, 1999.
- TOURINHO, E. Z. Notas sobre o behaviorismo de ontem e de hoje. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 24, n.1, p. 186-194, 2011.
- TSUTSUMI, O. et al. Os benefícios da natação adaptada em indivíduos com lesões neurológicas. **Revista Neurociências**, v.12, n.12, abr./jun., 2004.
- WATSON, J. B. A psicologia como o behaviorista a vê. **Temas em Psicologia**, v.16, n.2, p. 289-301, 2008.

Correspondência

Joaquim Francisco de Lira Neto – E.E Prof. Uacury Ribeiro de Assis Bastos. Rua Maria Salomé Bras, 80, Jardim Monte Belo. CEP: 13098709. Campinas, São Paulo, Brasil.

E-mail: jliraneto@gmail.com

Recebido em 11 de agosto de 2016

Aprovado em 21 de julho de 2017

